

EDUARDO CHRISTMANN CARDOSO DA SILVA

EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS DE JOGO DO FUTEBOL

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Bacharel em
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

ORIENTADOR: ANDERSON ZAMPIER ULBRICH

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida. Por seu imenso e eterno amor, por sua fidelidade e justiça. Agradeço, ainda, por Ele ter me dado força e saúde para realizar este trabalho e concluir o curso de Bacharelado em Educação Física. Também agradeço a Ele por me confiar aos cuidados dos meus pais Emerson e Léa que sempre foram para mim motivo de orgulho.

Aos familiares pelo apoio e paciência na compreensão dos momentos de ausência.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação e ao orientador Anderson por sua compreensão e apoio.

Não poderia de deixar de agradecer aos meus amigos e colegas, os quais aprendi a amar. Agradecer por todo o apoio, por todos os momentos maravilhosos e pela companhia.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíam para que eu concluísse este trabalho, em especial ao meu amigo Lucas.

SUMÁRIO

RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 JUSTIFICATIVA.....	02
1.2 OBJETIVO	03
1.2.1 Objetivo geral.....	03
1.2.2 Objetivos específicos.....	03
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL	4
2.2 DEFINIÇÕES DE TÁTICA E SISTEMAS DE JOGO.....	11
2.3 EVOLUÇÃO E HISTÓRICO DOS SISTEMAS DE JOGO.....	12
2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE JOGO	22
2.4.1 Caracterização do sistema G-4-3-3.	22
2.4.2 Caracterização do sistema G-4-4-2	25
2.4.3 Caracterização do sistema G-3-5-2.....	27
3 METODOLOGIA.....	30
4 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

RESUMO

Muitos povos praticavam atividades relacionadas com bola. Muitas dessas atividades são relatadas como sendo as precursoras do futebol. Contudo, foi somente no começo do século XIX que algumas regras começaram a surgir, dando as primeiras características do futebol. De fato, o futebol teve início somente em 1863, quando as regras do jogo foram unificadas. A partir de então o futebol começa sua evolução. Nos primeiros sistemas de jogo os times jogavam com um goleiro, um defensor, um jogador de meio de campo e oito atacantes, o que oportunizava muitos gols, entusiasmando os espectadores. O objetivo do estudo foi descrever como se deu esta evolução. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. O local de pesquisa ocorreu nos acervos de instituições previamente estabelecidas e na internet. Observou-se no estudo, que os sistemas de jogo do futebol evoluíram de sistemas que visavam primordialmente o gol para sistemas mais compactos, com maior concentração de jogadores no meio-campo e defesa. Os estudiosos do futebol, técnicos ansiavam por surpreender seus adversários. Por isso, a evolução dos sistemas de jogo ocorreu. Esta evolução se manifestou de forma natural, pois, havia uma busca permanente a maneira de jogar mais equilibrada possível, isto é, uma forma de jogar que permitisse atacar e defender com a mesma eficiência, utilizando nestas funções a maior quantidade possível de jogadores, adotando um sistema mais equilibrado. Atualmente os sistemas mais utilizados são: G-3-5-2 e G-4-4-2 empregados conforme as características dos jogadores do elenco. Ambos sistemas foram caracterizados com detalhes neste estudo, além do G-4-3-3.

Palavras-chave: futebol, evolução, sistemas de jogo.

1 INTRODUÇÃO

Existem indícios de que a prática de atividades relacionadas com o futebol ocorre desde a pré-história (DIAS, 1980; BORSARI, 1989; LEAL, 2000; UNZELTE, 2002). Contudo, foi somente na primeira década do século XIX que algumas regras começavam a surgir, pois a prática do futebol já era bastante difundida (DIAS, 1980; BORSARI, 1989; LEAL, 2000; UNZELTE, 2002). O futebol, até então, permitia o uso das mãos apenas para reter a bola alta e logo em seguida colocá-la no chão (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

Mas, em 26 de outubro de 1863 tem início o futebol como hoje o conhecemos, pois essa é a data oficial de nascimento do futebol moderno. Fato que ocorreu numa histórica reunião em Londres criando-se nesse dia a "The Football Association" - Associação ou Federação de Futebol - (SANTOS, 1979; LEAL, 2000; DIAS, 1980; GARCIA; MUIÑO; TELENA, 1977; ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989, UNZELTE, 2002). Essa data marca o início do futebol moderno, pois foi através da "The Football Association" que as regras do jogo foram uniformizadas.

Com a unificação das regras, o futebol começa uma nova fase. Passa agora a sofrer uma evolução na disposição dos jogadores em campo procurando a melhor maneira de jogar para alcançar a vitória.

Para alcançar esse objetivo os técnicos começam a fazer experiências. Isso se explica devido ao fato de os técnicos de futebol estarem sempre procurando uma maneira de armar seu esquema tático e sistema de jogo da forma mais equilibrada possível, ou seja, estão em busca de uma alternativa que permita atacar e defender com a mesma eficiência, procurando explorar o máximo das potencialidades e características de cada jogador (EMÍLIO, 2004; LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

As primeiras táticas e sistemas de jogo eram bem ofensivas, isto quer dizer, todos no ataque. Com o passar do tempo, alguns atletas foram deslocados para o meio de campo. Com o surgimento da regra do impedimento em 1865, atletas

passaram a atuar na defesa. A figura do goleiro autorizado a pegar a bola com as mãos surgiu em 1871 (DIAS, 1980; CARDOSO; GODOI, 1986; BORSARI, 1989).

Podemos observar que a tática e sistemas de jogo tem passado por modificações por causa da eterna luta entre defensores e atacantes. E a vontade da conquista foi determinante para a disseminação e evolução do futebol.

Hoje em dia temos alguns sistemas de jogo definidos e que estão em constante evolução.

1.1 JUSTIFICATIVA

Existem muitos livros, artigos, matérias de jornais que falam sobre curiosidades e história do futebol, mas poucos abordam sobre seus detalhes táticos, técnicos e a metodologia de treinamentos (EMÍLIO, 2004; LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Dentre esses, os sistemas de jogo – que fazem parte da preparação tática – é um ponto de destaque que merece atenção quanto sua importância na compreensão mais aprofundada no decorrer do tempo. Pois, o futebol tem demonstrado que os sistemas de jogo podem definir uma partida, tanto ou mais que o talento individual.

Isto, porque ocorreram muitas transformações no futebol, que será relatado no decorrer da pesquisa, o que proporciona condições dos sistemas de jogo se tornarem de fundamental importância para qualquer equipe como discorre Mendes (1979, p. 47) “...a opção do sistema a ser utilizado, é o diferencial na busca do coletivo e do resultado.”

Assim, este estudo se justifica na medida que se pretende analisar, através da revisão de literatura, a evolução dos sistemas de jogo, procurando compreender o significado desta evolução e os fatores que foram fundamentais para que se chegasse aos dias atuais.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar, por meio de um estudo bibliográfico, a evolução dos sistemas de jogo do futebol de campo.

1.2.2 Objetivos específicos

Descrever a história do futebol.

Descrever e analisar a evolução histórica dos sistemas de jogo (da origem até os dias atuais).

Caracterizar os sistemas G-4-3-3, G-4-4-2, G-3-5-2.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO FUTEBOL

Segundo Dias (1980), Borsari (1989), Leal (2000) e Capinussú; Reis (2004) existem indícios de que a prática de atividades relacionadas com o futebol ocorre desde a pré-história.

Há mais de trinta séculos, atividades antecedentes ao futebol já eram praticadas no Egito e na Babilônia. Esses jogos deveriam ter um caráter religioso: a bola simbolizando o Sol para os egípcios e a Lua para os babilônios. A bola era uma bexiga de boi inflada de ar (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

No entanto, as primeiras manifestações de “football” surgem entre 3.000 e 2.500 a. C. e nos levam à China. Na época da dinastia Xia, em 2.197 a. C., existia um jogo chamado tsu-chu (golpear a bola com o pé), utilizado como treinamento militar da guarda do imperador chinês Huang-ti. Esse esporte foi desenvolvido por Yang-Tsé, integrante da guarda do imperador. O futebol dos chineses de Huang-ti aproxima-se ao futebol dos dias atuais, porque os crânios dos inimigos derrotados (que eram usados como bola e depois substituídos por bola de couro nos exercícios militares) deveriam ser lançados pelos soldados com os pés para além de duas estacas cravadas no chão. Teriam sido essas as primeiras traves da história (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989; UNZELTE, 2002).

Durante a dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.), o jogo se tornou muito popular. Esse jogo era bastante simples: oito jogadores, sem deixar a bola tocar no solo, tentavam passar a bola além dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão e unidas por um fio de seda. A bola era de couro, cheia de cabelo ou crina, tendo 22 centímetros de diâmetro. O campo era um quadrado com 14 metros de lado (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989; UNZELTE, 2002).

Na mesma época, existia um jogo chamado kemari (ke = chutar e mari = bola) no Japão, no qual os praticantes deveriam manter a bola no alto, para que

treinassem sua habilidade com os pés, não havendo assim contagem de pontos. O campo era quadrado e delimitado por quatro árvores. O jogo era um passatempo da realeza, inclusive alguns imperadores estavam entre os praticantes. Ainda hoje o Kemari é considerado um esporte japonês tradicional. O então presidente americano George Bush chegou a praticá-lo em 1992, quando visitou o Japão (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; LEAL, 2000; UNZELTE, 2002).

Outros achados arqueológicos, datados da mesma época dos chineses e japoneses, atestam que várias civilizações americanas praticavam atividades que se pareciam com o futebol. No Haiti, existia um jogo feito com uma bola de borracha extraída das árvores. Relatos do abade Prévost, já no século XVIII, afirma que os astecas praticavam um jogo chamado tlatchtli, semelhante ao futebol dos europeus (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989).

Alguns historiadores acreditam que os sul-americanos tenham sido os primeiros a fabricarem bolas de resina para recreação. Os índios da Patagônia praticavam o tchoekah - jogo este parecido com o hóquei -, utilizando um pedaço de madeira para impulsionar a bola. Muitos desses jogos americanos eram praticados com as mãos e talvez por isso não estejam diretamente ligados aos jogos precursores do futebol, assim como os do Oriente (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

No ano de 776 a.C., os gregos criaram um jogo chamado epyskiros, que integrava a educação atlética da juventude helênica, consistindo em disputar, com os pés, uma bola feita de bexiga de boi, cheia de ar, coberta com uma capa de couro, com quinze jogadores de cada lado (BORSARI, 1989; DUARTE, 2000; UNZELTE, 2000). Os gregos criaram outro jogo de bola, semelhante ao epyskiros, ao qual chamavam harpaston, em que se usava uma bola de couro recheada com crina animal. O objetivo desse jogo era fazer a bola transpor o espaço entre dois bastões de alguns pés de altura (BORSARI, 1989).

Os maias também tiveram práticas relacionadas com a bola. Na Península de Yucatan, atual México, entre os anos 900 e 200 a.C., os maias praticavam anualmente um jogo com as mãos e os pés. O objetivo era arremessar uma bola

de borracha maciça nos furos circulares localizados no meio de seis placas de pedras quadradas. O atirador-mestre da equipe perdedora era sacrificado e seu restos mortais eram atirados a jaguares e serpentes (UNZELTE, 2002).

Os romanos, séculos depois (por volta de 200 a.C.), adaptaram o harpaston dos gregos (pois, foi nos gregos que os romanos se inspiraram para fundar sua própria civilização) adotando a bola e detalhes do jogo, criando o harpastum, latinizando o nome dados pelos gregos (DIAS, 1980; BORSARI, 1989; DUARTE, 2000; UNZELTE, 2002).

O campo era retangular, com uma linha divisória em duas linhas de meta, devendo as duas equipes disputar a bola, com o intuito de atingirem a linha de meta adversária, denominada locus stantium. Essa linha era protegida por jogadores com funções defensivas, como os goleiros e zagueiros de hoje. Na região do campo denominada area pilae pratervolantis et superiectae, atuavam os jogadores mais ofensivos e velozes. Existiam jogadores que permaneciam sobre a linha divisória do campo, a medicurrens, e que jogavam para os dois lados, ora passando a bola para um time, ora para outro (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987). Como exercício físico dos soldados romanos, uma partida podia durar horas (UNZELTE, 2002).

Os romanos conquistaram muitos povos, entre eles a Ásia menor, o norte da África e inclusive à Bretanha, por volta do ano 43. A estes ensinou o seu jogo (UNZELTE, 2002).

Com o domínio romano na Gália e depois na França, o harpastum originou o soule ou choule, que foi introduzido pelos romanos de Júlio César entre os anos 58 e 51 a.C. Este jogo francês tinha como objetivo fazer a bola passar por entre dois bastões fincados no solo e era praticado tanto como passatempo pela nobreza como disputa violenta pelos populares (DIAS, 1980; BORSARI, 1989). Na França, o soule ganhou respeito ao ser levado para os jardins aristocráticos e ser praticado pela realeza (UNZELTE, 2002).

Com relação à Bretanha, existem algumas controvérsias. Alguns historiadores acreditam que foram os romanos que introduziram os jogos que deram origem ao futebol, outros acreditam que, quando os romanos chegaram, já

existia uma atividade nativa semelhante, de origem lendária e cívica. Os historiadores, entretanto, concordam que os romanos introduziram o harpastum, na Bretanha, que contribuiu para o desenvolvimento dessas atividades (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; UNZELTE, 2002).

Na Idade Média, em meados do século XII e muitos séculos depois, existia um jogo que pode ser o mais importante precursor do futebol moderno. Praticado na cidade de Ashbourne (Inglaterra) e, mais tarde, em várias cidades do condado de Derbyshire, era disputado anualmente entre os habitantes da cidade, por equipes com um número ilimitado de participantes - até 400 e 500 pessoas de cada lado. O objetivo era correr atrás de uma bola de couro e levá-la até a meta adversária, a entrada norte e sul da cidade, uma para cada equipe. Não existem relatos precisos sobre as regras, mas se sabe que os participantes podiam usar as mãos e os pés para conduzir e dominar a bola. As origens desse jogo não são muito precisas. Sabe-se que era uma atividade um tanto primitiva, violenta e semibárbara, sendo malvista por muitos (DIAS, 1980; ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989; DUARTE, 2000).

A grande violência no jogo, a qual não fazia parte das disputas, teve como resultado um ataque por parte do rei e da Igreja. A disputa do jogo foi proibida em Londres, sob pena de prisão. O rei Eduardo II foi quem proibiu a disputa das partidas, mas seu pai, Eduardo I, também temia pela violência do jogo e que seus soldados aderissem a essa atividade e se descuidassem dos afazeres da profissão, isto porque a Inglaterra estava em guerra com a Escócia, iniciada em 1297. Ricardo II, neto de Eduardo III, em 1389, além de manter a proibição, estendeu-a a outros jogos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; UNZELTE, 2002).

Na Escócia, Jaime I proibiu, em 1423, que qualquer homem jogasse futebol, com pena de multa. As proibições reais eram reforçadas de tempos em tempos, por Henrique VIII, Eduardo VI e Isabel I. Com isso, o futebol na Inglaterra da Idade Média era uma atividade proibida pelas autoridades. No pátio de algumas igrejas, os padres organizavam jogos com bola, mas isso era restrito a

esses locais, pois se condenava o jogo que os londrinos foram buscar em Derby (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; UNZELTE, 2002).

Fora da Inglaterra, entretanto, o futebol teve vários praticantes, desde o homem do povo até a nobreza. E na França, na mesma época, o soule ou choules era jogado e era muito popular. É verdade que se diga que esse jogo era muito menos violento que o jogo praticado na Inglaterra, não tendo por isso encontrado opositores (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; DUARTE, 2000).

Na Itália, no ano de 1529, no dia 17 de fevereiro, estando Florença sitiada pelos exércitos do príncipe de Orange, duas facções políticas rivais, resolveram decidir uma velha rixa num jogo de bola realizado na Piazza Santa Croce. Esse jogo entrou para a história, tanto que todos os anos, no primeiro domingo depois das festividades do dia de São João, jovens fazem a reconstituição desse jogo, como complemento das festividades (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; MANTOVANI, FRISSELLI 1999; DUARTE, 2000; UNZELTE, 2002).

O jogo era praticado em uma praça e tinha formação de táticas guerreiras. Cada equipe era composta por 27 elementos (jogadores) que eram assim divididos: 3 zagueiros recuados (líberos), 4 zagueiros avançados (médios) e 5 outros médios para atuar mais à frente, conduzindo a bola para 15 atacantes. Em 1580, Giovanni di Bardi estabeleceu as regras do cálcio. Havia 10 juizes, e as regras impediam empurrões e pontapés. A bola podia ser impulsionada tanto com os pés quanto com as mãos e tinha que ser introduzida em uma barraca armada no fundo de cada campo. O jogo foi denominado cálcio (pontapé), nome este que até hoje define o futebol na Itália (DIAS, 1980; BORSARI, 1989; DUARTE, 2000). Historicamente é conhecido como o único jogo organizado de toda a Idade Média e Renascença (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

Durante o século XVII os jogos de bola passaram por diferentes transformações. Apesar de oficialmente proibido na Grã-Bretanha, o jogo começou a ganhar espaço e essa proibição foi aos poucos se acabando. Este século foi marcado por novas aberturas ao futebol; o rei Carlos II tornou-se o primeiro monarca a autorizar a prática do futebol, fato este ocorrido em 1660, quando

permitiu que seus criados enfrentassem os do duque de Albermale (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

Já no século XVIII, os jogos com bola começaram a fazer parte da educação de muitos jovens nas escolas. Os jogos, antes violentos e proibidos, passaram a ganhar um novo caráter e a integrar o cotidiano de muitas escolas. No início do século XIX, Thomas Arnold (1795-1842) reformou todo o ensino superior inglês, dando grande importância para as práticas esportivas na educação dos jovens, e o futebol, então, passou a ser uma das primeiras atividades introduzidas nas escolas públicas em caráter oficial (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; DUARTE, 2000; UNZELTE, 2002).

A partir disso, o futebol começa ser organizado e as regras começam a pôr ordem no esporte. De acordo com Giulianotti (2002) o futebol de 1810 até 1863 era jogado com onze jogadores, onde eles se preocupavam apenas em atacar sem ter posição e sem goleiro. Afif (2006) afirma que a maneira de se jogar como conhecemos hoje teve formato na Inglaterra já em 1823.

Entretanto, o futebol como hoje o conhecemos, começou, na verdade, em 26 de outubro de 1863. Essa data marca a fundação da “The Football Association” (Associação ou Federação de Futebol) a qual unificou as regras do jogo e ainda são as bases para as regras que regem o esporte até hoje. (GARCIA; MUIÑO; TELENA, 1977; SANTOS, 1979; DIAS, 1980; ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 1987; BORSARI, 1989; DUARTE, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Para ocorrer a fundação dessa associação houve fatos precursores que convém citarmos. A Universidade de Cambridge, buscando a unificação das regras publicou, em 1848, o primeiro regulamento, que foi aprovado e homologado. No entanto as divergências entre os partidários do futebol só com os pés e os que queriam usar as mãos não cessaram. Então, em 26 de outubro de 1863, os partidários do futebol apenas com os pés fundaram a “The Football Association”, para unificar e uniformizar o uso das regras (DUARTE, 2000). Essa uniformização se deu quando 11 clubes ingleses – a maioria ligada a colégios ou universidades – se reuniram na Taberna Freemasons, Great Quenn Street, em

Londres, e fundaram essa associação (SANTOS, 1979; DUARTE, 2000; LEAL, 2000; UNZELTE, 2002).

Em 1871, um grupo dissidente, descontente com as novas regras, que proibiam usar as mãos para conduzir a bola ou derrubar o adversário, fundou a Rugby Union, e separou definitivamente o futebol do rugby (DUARTE, 2000).

Percebemos, portanto, que quando diferentes autores afirmam que o futebol como o conhecemos hoje ter começado em 1863 é devido à unificação das regras.

No dia 8 de dezembro de 1863, a “Football Association” tornava oficial 14 regras, publicando-as para conhecimento de todos. As primeiras regras falam em campo, saída de jogo, troca de campo após os gols, como se torna válido um gol, os agarrões entre adversários, o controle das chuteiras e as devidas proibições (DUARTE, 2000). Para difundir as regras básicas oficiais da época, foram produzidos livros e cartilhas, distribuídos em clubes, escolas, livrarias e bancas de jornais (UNZELTE, 2002).

Ainda, no dia 2 de junho de 1886, as quatro Associações de Futebol Britânico – Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda criaram a “Internacional Football Association”, a qual é a guardiã das regras e da organização desse esporte (DUARTE, 2000). Cardoso; Godoi (1986) afirmam que a entidade legisladora do futebol foi criada em 1882 e a chamam de “Internacional Board”. Neste trabalho não levaremos em consideração a diferença entre as datas e entre os nomes.

Em 1888, o futebol já era jogado profissionalmente, na Inglaterra (LEAL, 2000).

O que contribuiu ainda mais para o sucesso do futebol foi a Federation Internationale de Football Association (FIFA), fundada em Paris no dia 21 de maio de 1904. A FIFA não apenas auxiliou as Federações mais poderosas a popularizarem o esporte, como também executou programas de aperfeiçoamento em todos os níveis nas Federações dos continentes africano, asiático e oceânico. E, ainda, é a Federação que promove a Copa do Mundo, um dos maiores eventos esportivos do globo terrestre (LEAL, 2000).

2.2 DEFINIÇÕES DE TÁTICA E SISTEMA DE JOGO

Para falarmos sobre sistema de jogo no futebol é necessário definirmos com clareza o que isso vem a ser, para não confundirmos com tática.

Sistema de jogo é definido, segundo Melo (1999), como uma forma de distribuição dos jogadores no terreno de jogo, de forma que possa ocupar de maneira racional todos os setores do campo.

O sistema de jogo, segundo Borsari (1989), é um esquema de distribuição dos jogadores pelo campo de jogo, procurando atender as necessidades de proteção e defesa da meta, como a ocupação do meio-campo, e também, as necessidades de atacar a meta adversária, para conseguir marcar gols.

Baseando-se em Paoli (2000, p.39), sistema de jogo pode ser definido como: “a posição de uma equipe dentro de campo, e a distribuição dos jogadores no campo de jogo, de forma que possa ocupar de maneira racional todos os setores do campo, sendo que tal distribuição dos jogadores em campo acontece em três grupos: linha defensiva, linha média e linha ofensiva”.

Já a tática não se refere apenas ao posicionamento dos jogadores no campo de futebol.

Para Unzelte (2002), a palavra tática vem do grego *taktike*, que significa “a arte de manobrar tropas”. Percebemos com essa definição que tática é um conjunto de ações para otimizar o potencial da equipe no campo de “batalha”, entenda-se campo de futebol.

Segundo Borsari (1989, p.48) “tática é uma utilização prática e produtiva dos elementos qualificados para as funções defensiva e ofensiva, com entrosamento nas variações do jogo”. Assim todas as ações realizadas durante o jogo – exceto as ações individuais de cada jogador como o drible, a finta, criatividade, características nas quais os jogadores brasileiros se sobressaem – como mudanças sucessivas de jogo, ultrapassagens centrais e laterais, deslocamentos, lançamentos são os treinamentos táticos que definirão.

Para Theodorescu, apud Silva (1986, p. 13) tática:

“é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada numa forma racional dentro dos limites do

regulamento e da desportividade, e cujo objetivo é conseguir a vitória, levando-se em conta, por um lado, as qualidades e particularidades dos atletas e, por outro, as condições dos adversários”.

Podemos, portanto, afirmar que o sistema de jogo é um elemento importante da tática de jogo, pois define a posição e distribuição dos jogadores de maneira racional, procurando ocupar os espaços vazios e, assim, levar vantagem sobre os adversários.

Para melhor distribuir os onze jogadores, o campo é subdividido em três regiões: defesa, meio-campo e ataque. As formas ou padrões de jogo tomam como medida essas áreas do campo, sendo, portanto, combinações numéricas que dizem respeito aos posicionamentos e incumbências dos jogadores em campo (EMÍLIO, 2004; LEAL, 2000).

Tais disposições dos jogadores em campo foram fixadas de acordo com certas prescrições e alterações da própria regra do jogo como a lei do impedimento, mas certamente também pelas inúmeras intervenções que dizem respeito aos preparos e treinamentos de jogadores, bem como valorização de certas qualidades físicas (força, potência, velocidade, altura, agilidade) e atitudes morais (personalidade, ousadia, persistência, caráter) que maximizam ou minimizam condutas e preferências em campo e que não dizem respeito somente às questões quantificáveis e técnicas (LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

2.3 EVOLUÇÃO E HISTÓRICO DOS SISTEMAS DE JOGO

O primeiro relato, com relação à disposição de jogadores, encontrado sobre a história do futebol vem da Itália. Datado do dia 17 de fevereiro de 1529, o relato conta que em Florença, exatamente na Piazza Santa Croce, dois grupos de 27 jogadores para cada lado resolvem tirar suas diferenças políticas em uma partida de “cálcio”. A vontade de vencer obrigou as equipes a se armarem taticamente, os dois grupos colocaram 15 jogadores no ataque, 5 no meio de campo e 7 na defesa, sendo 3 mais recuados. Não existia uma Organização ou Tática, os

jogadores eram todos defensores ou todos atacantes (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; FRISSELI; MONTOVANI 1999; UNZELTE, 2002; DUARTE, 2000).

O formato dos dias de hoje foi iniciado em 1823, na Inglaterra, onde o futebol foi estabelecido dentro das características atuais, contando já com 11 jogadores (AFIF, 2006; GIULIANOTTI, 2002; LEAL, 2000). No entanto nesta época o futebol ainda não tinha as suas próprias regras e confundia-se muito com o “rugby”. No dia 26 de outubro de 1863, o futebol foi oficialmente regulamentado com a fundação da “The FootBall Association” (UNZELTE, 2002; DUARTE, 2000; LEAL, 2000; SANTOS, 1979; CAPINUSSÚ; REIS, 2004; BORSARI, 1989).

No princípio, os jogadores atuavam de forma intuitiva, desordenada e voltados somente para o ataque, na intenção de marcar gols e vencer a partida. Isto fazia com que praticamente todos corressem atrás da bola, no ataque e perto da baliza do oponente (LEAL, 2000).

O primeiro sistema empregado foi o G-1-1-8 (ANEXO 1), por volta de 1860 (LEAL, 2000; SANTOS, 1979; CAPINUSSÚ; REIS, 2004; UNZELTE, 2002; BORSARI, 1989). Os jogadores se distribuíam da seguinte maneira: o goleiro, um zagueiro, um médio e nada menos de oito atacantes (SANTOS, 1979; UNZELTE, 2002). Agora o esporte já tinha nove regras, que com o tempo foram sendo moldadas, e que tem sido o principal fator na Evolução dos Sistemas (MELO, 1999; GODOI; CARDOSO, 1986).

O futebol era, nessa época, um jogo essencialmente ofensivo. O drible e o ataque em massa eram a feitura normal do jogo. Uma das jogadas sensacionais da época era o chute longo, sobre o gol, com todo o ataque carregando impetuosamente sobre o pobre goleiro, que, muitas vezes, já tinha sido atirado para o fundo do gol antes de a bola chegar (BORSARI, 1989; SANTOS, 1979; UNZELTE, 2002).

Em 1870, numa primeira evolução, um dos atacantes do sistema anterior foi jogar mais recuado na linha média, visando reforçar o meio-de-campo. Isto ocorreu, possivelmente, porque, mesmo com tantos atacantes, não eram aproveitadas todas as chances de gol, devido à falta de qualidade técnica de

alguns dianteiros e que muitas vezes atrapalhavam os companheiros (LEAL, 2000; SANTOS, 1979; UNZELTE, 2002).

Passou-se, então, ao G-1-2-7 (ANEXO 2).

A tendência de reforçar o meio-campo e a defesa para conseguir maior equilíbrio entre os setores na busca de melhores resultados e performances, fez com que os times evoluíssem rapidamente na distribuição dos jogadores pelo campo. Tanto que, já em 1871, vamos encontrar as defesas com dois zagueiros e dois médios, com os atacantes, conseqüentemente, reduzidos para seis homens, representado-se da seguinte forma: G-2-2-6 (ANEXO 3). O drible e o passe longo eram as grandes habilidades, e o passe curto era o último recurso (LEAL, 2000; SANTOS, 1979).

Este sistema ajudou os escoceses à não tomar gol dos temíveis ingleses, e pela primeira vez na história uma partida terminou 0X0 (UNZELTA, 2002). Segundo Capinussú e Reis (2004) esse foi o primeiro jogo internacional, que foi disputado em 30 de novembro de 1872 em Glasgow.

Nos anos seguintes ocorrem mudanças importantes no futebol. Em 1873 foi adotado o tiro de canto (escanteio); o travessão da baliza foi adotado em 1875; também em 1875 a troca de campo começou a ocorrer na metade das partidas; o apito do juiz (árbitro) foi adotado em 1878; e em 1882 é modificado o arremesso lateral, que passou a ser feito com as mãos (antes era com os pés) (SANTOS, 1979; BORSARI, 1989; LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

A partir destas mudanças os técnicos passaram a buscar um maior equilíbrio entre a defesa e o ataque. Foi quando surgiu o “Sistema Clássico” ou “Piramidal”, em 1883, expresso da seguinte maneira: G-2-3-5 (ANEXO 4). Esse sistema era formado por 1 goleiro, 2 zagueiros, 3 médios e 5 atacantes, recuando-se, assim, mais um atacante para compor o meio-de-campo. “Piramidal” porque o sistema visto de cima tinha o formato de uma pirâmide (MELO, 1999).

A tarefa de cada jogador começou a se tornar mais específica. Quando a equipe atacava os jogadores da frente atacavam em linha, e esta era uma facilidade para os atletas da defesa, já que nesta época a lei do impedimento exigia pelo menos três defensores mais próximos da linha de fundo para dar

condição de jogo a um atacante. Com esta lei, os atacantes corriam pelas laterais e os dois defensores jogavam separados, com um próximo da linha de fundo e outro mais no meio de campo, o que obrigava o recuo do atacante para não ficar em linha de impedimento (BORSARI, 1989; MANTOVANI; FRISSELLI, 1999).

Borsari (1989) comenta que este sistema era bom para a época, fato comprovado pela utilização deste sistema por outros países, pois, possuía um equilíbrio entre os setores do campo, utilizando cinco jogadores na defesa e cinco no ataque, dando uma proporção de 50% de ofensivo e 50% defensivo. Leal (2000) também chama a atenção para a distribuição e funções de cada jogador, que se tornaram mais equilibradas, e que foram aprimoradas nos anos subsequentes.

A primeira equipe que utilizou esse sistema, foi a da Universidade de Cambridge, portanto a Inglaterra foi a precursora deste sistema (BORSARI, 1989; LEAL, 2000). Sendo, ainda, utilizado pela equipe uruguaia durante a primeira Copa do Mundo, em 1930 (MELO, 1999).

Este sistema perdurou por um tempo significativo, sendo ultrapassado somente em junho de 1925, ou seja, quarenta e dois anos depois (SANTOS, 1979; UNZELTE, 2002).

Então, em 1925 Herbert Champman, técnico do Arsenal da Inglaterra, criou o Sistema WM (ANEXO 5), o qual consistia de três defensores (com função de marcar os atacantes), quatro no meio de campo (dois recuados pela direita e esquerda, com funções de defender o meio de campo; e dois mais adiantados, pela direita e esquerda, com funções de armação e de finalização de longa distância) e três jogadores no ataque (dois pontas e o centroavante) (MENDES, 1979; LEAL, 2000).

A passagem do “Sistema Clássico” para o WM, em todos os países que praticam o futebol, deu-se com a definição de dois dos cinco atacantes como meias de ligação, formando o W ofensivo, e o recuo do centro médio para zagueiro-central para formar o M defensivo (EMÍLO, 2004).

Esse novo sistema surgiu em decorrência da mudança da lei do impedimento, em 14 de junho de 1925, pela “International Board”, que passou a

dar condição de jogo ao atacante que tivesse, agora no mínimo dois defensores entre ele e a linha de fundo no momento do passe para ser dada condição de jogo (SANTOS, 1979; BORSARI, 1989).

Anteriormente, por volta de 1863, o jogador estava impedido se estivesse na frente da linha da bola, isso explica porque o jogo consiste basicamente na condução da bola e nos chutes (GODOI; CARDOSO, 1986). Sendo que em 1907 surgiu a primeira lei do impedimento, e determinava que um jogador estaria impedido quando no momento em que a bola lhe é lançada, ele não tem entre ele e a linha de gol pelo menos três adversários (CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Essa nova regra facilitou o desempenho dos atacantes, pois, agora eles tinham maior agressividade em procurar o gol adversário. Com esta mudança, a equipe poderia colocar um jogador próximo do penúltimo da defesa, já que o último era o goleiro (BORSARI, 1989).

Por esse motivo, o técnico Herbert Chapman teve que reforçar a defesa da sua equipe e foi obrigado a desaparecer com a função do centro médio, que foi substituído por um terceiro zagueiro, que se posicionava no centro do campo, entre os dois zagueiros e na frente do gol (LEAL, 2000).

Este sistema veio atender as necessidades dos clubes ingleses, porque a defesa levava desvantagem pela falta de cobertura, o que tornava difícil a missão de proteger o gol. O jogador recuado tinha a função de marcar o centroavante possibilitando aos outros dois zagueiros marcarem os pontas. Segundo Melo (1999) foi com este sistema que foi criada a marcação individual, já que a partir do "Sistema Clássico" surgiu a marcação por zona (MENDES, 1979; MELO, 1999).

Ainda, para BORSARI (1989) este sistema fez com que o futebol amadurecesse, simplificando a distribuição dos jogadores, com formação de fácil assimilação e funções bem definidas. Esta nova esquematização procurava tanto defender como atacar e jogar por todo o campo. Foi assim que começou uma evolução técnica que exigia habilidade nas trocas de passe, na marcação, na condução; deixando de lado o futebol individualista para entrar na era do futebol coletivo.

Esse sistema fez muito sucesso, o Arsenal conquistou três vitórias consecutivas na Liga Inglesa (1933, 1934, 1935) (UNZELTE, 2002; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Nas diferentes regiões onde se praticava o futebol, esse sistema (WM), sofreu inúmeras variações na tentativa de evoluir e aperfeiçoá-lo (BORSARI, 1989). Toledo (2002) comenta que durante a Copa de 1950 observou-se um duelo entre dois sistemas de jogo, o WM e a Diagonal brasileira, que é uma variação do sistema europeu.

A Diagonal brasileira surgiu devido a dificuldade de se recuar o centro-médio para se tornar o zagueiro central e, assim, formar o M defensivo. Os nossos centros-médios eram clássicos, de técnica refinada e acostumados a se movimentar por todo o campo (EMÍLIO, 2004).

Voltando um pouco no tempo, em fevereiro de 1941, Flamengo e Fluminense, dirigidos por Flávio Costa e Ondino Vieira, respectivamente, fizeram uma excursão à Argentina. Nesta ocasião, ambos, levaram goleadas históricas. Certos de que a evolução ocorrera e era sensato acompanhá-las, a fizeram de outra forma. Optou-se por recuar um dos meias- laterais para torna-se o terceiro zagueiro (SANTOS, 1979; LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Flávio Costa, no Flamengo, optou por recuar o meia-direita Juscelino para marcar o ponta adversário e compor a defesa com 3 zagueiros, ficando conhecido como “diagonal pela direita” (ANEXO 6). Já Ondino Vieira, no Fluminense, recuou o meia-esquerda, Affonso, ficando conhecido como “diagonal pela esquerda” (ANEXO 7) (SANTOS, 1979; LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

A Diagonal brasileira, ou WM torto, ou WM Diagonal, ou somente Diagonal ajudou muito na evolução do futebol brasileiro. A partir deste sistema começaram a aparecer os médios, que tinham mais poder de marcação e os meias que possuíam mais capacidade ofensiva. Estes meias ofensivos passaram a ser denominados “meias pontas-de-lança”, em virtude da terminologia militar da Segunda Guerra Mundial (EMÍLIO, 2004).

Devido à eterna luta entre defensores e atacantes os sistemas de jogo de futebol e também as táticas empregadas pelos técnicos sempre tem sofrido modificações. Com isso as inovações aparecem.

Portanto, o sistema Diagonal foi precursor do sistema G-4-2-4 (ANEXO 8), primeiro sistema enunciado por números, mais conhecido simplesmente como 4-2-4, não contando o goleiro (LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004).

O sistema G-4-2-4 foi criado por Martin Francisco em 1951, primeiro sistema de jogo criado por brasileiros. Esse sistema era composto por dois zagueiros de área, dois laterais, dois meios de campo, dois ponteiros e dois atacantes de área (UNZELTE, 2002; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004). De acordo com Drubsky (2003), este sistema teve significativa importância no futebol, devido à implantação do quarto zagueiro no sistema defensivo.

Na década de 40, muitas vezes, um time era escalado no WM, mas, no decorrer da partida, naturalmente chegava perto do G-4-2-4 devido à agressividade do meia ponta-de-lança que levava um dos médios a atuar quase como um quarto zagueiro. Martin Francisco soube observar e usar este fato antes dos outros técnicos, e praticando um futebol altamente agressivo surpreendeu os outros times mineiros, conquistando o título estadual, em 1952, dirigindo o Vila Nova, o que lhe deu grande projeção nacional e internacional (LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Muitos times obtiveram sucesso jogando no G-4-2-4, mas o que mais se destacou foi o time do Santos, que contava com Pelé, ao longo dos anos 60. A seleção brasileira conquistou o primeiro título mundial, em 1958, usando o mesmo sistema.

Como o meio de campo ficava muito vazio, com apenas dois homens no G-4-2-4, um dos jogadores de frente era recuado para compor o meio. A maioria dos clubes recuava um dos homens do meio do ataque (ponta-de-lança), outros recuavam um ponta (esquerda ou direita) (LEAL, 2000; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Então, nos anos 60 surgiu o sistema 4-3-3 (ANEXO 9). De acordo com Giulianotti (2002), este sistema de jogo era a "maravilha sem alas" que foi

inventado por Alf Ramsey, quando este treinou a seleção da Inglaterra durante a Copa do Mundo de 1966.

Entretanto, Leal (2000), Emílio (2004), Capinussú e Reis (2004) afirmam que o Brasil já usava esse sistema desde o começo da década de 60, e na Copa do Mundo de 58 o Brasil já tinha usado o sistema G-4-3-3 como sendo uma variação do G-4-2-4. Tanto o sistema G-4-2-4, como o G-4-3-3, originaram-se devido a evolução tática, técnica e física dos jogadores, sendo os fatores principais na evolução dos sistemas (BORSARI, 1989, LEAL, 2000).

O sistema G-4-3-3 era formado por quatro homens de defesa - dois zagueiros e dois laterais, três no meio-de-campo - um volante e dois meias e três no ataque - ponta direita, ponta esquerda e centroavante. Para BORSARI (1989) este sistema é uma evolução dentro do campo tático, tanto defensivo como ofensivo, e ele é um sistema puro, ou seja, com três jogadores no meio-de-campo e não como uma variação de 4-2-4; já Melo (1999) considera este esquema como uma variação do sistema 4-2-4.

O sistema G-4-3-3 obteve grande êxito na copa do Mundo de 1970, no México, na qual o Brasil sagrou-se campeã. Também, esse sistema foi um dos mais utilizados por equipes brasileiras entre os anos 70 e 80, e ainda muito utilizado por equipes que precisam marcar muitos gols numa partida. (LEAL, 2000; UNZELTE, 2002).

A Copa do Mundo de 1974, na Alemanha Ocidental, ficou marcada pela chamada “Laranja Mecânica” da Holanda. Os holandeses foram vice-campeões, mas marcaram história por adotar um esquema totalmente diferente dos demais: uma rotatividade muito grande por todos os setores do campo, onde até os defensores saíam da sua zona e apoiavam no ataque ou na armação de jogadas (LEAL, 2000). Na verdade, os holandeses utilizaram o sistema de jogo G-4-3-3. Só que ao invés de deixar os jogadores jogar bem abertos, eles primaram pela compactação, tornando-o muito competitivo. Nele os jogadores formavam três linhas próximas uma das outras e era utilizada a marcação por pressão (GIULIANOTTI, 2002).

Todos os jogadores do time precisavam estar completamente adaptados e capazes de jogar em qualquer posição avançada. De acordo com GIULIANOTTI (2002) os jogadores holandeses adquiriram, nesta época, uma virtuosidade técnica básica que permitiu a atuação deles em qualquer posição.

O sistema de jogo que surgiu após o G-4-3-3 foi o G-4-4-2 (ANEXO 10). Todavia não se sabe a exata data e por quem foi criado este sistema por haver muita divergência entre diferentes autores.

O que se sabe é que após o Brasil ganhar o bicampeonato mundial, em 1962, no Chile, deixou de buscar novas concepções e alternativas, o que vinha fazendo com primazia. Então, os europeus, concluindo que nada conseguiriam contra o Brasil, jogando com o mesmo sistema (G-4-3-3), começaram a aperfeiçoar os métodos de marcação e coberturas, e deram ênfase à participação dos jogadores, não mais permitindo aos adversários, espaço e tempo para jogarem (LEAL, 2000).

No aspecto tático, objetivaram reforçar mais o meio-campo com o recuo de 1 dos 3 atacantes do G-4-3-3 para compor o meio-de-campo. Os dois atacantes remanescentes foram aproximados e avançados, assim, eles jogavam forçando nos dois centrais adversários, em bolas longas, de trás, ou nos cruzamentos laterais (LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004). De acordo com Drubsky (2003) a utilização de dois atacantes em detrimento dos três anteriores, foi um elemento que alterou a estrutura do futebol moderno, os homens de frente, passaram a ser os atacantes da equipe e não os pontas ou centroavantes do sistema G-4-3-3.

Essas modificações foram constatadas na Copa do Mundo realizada na Inglaterra, em 1966. O ritmo de jogo, a intensidade na marcação e o bloqueio dos espaços no campo superaram sistemas de jogo ultrapassados. Esse período, na concepção de Leal (2000), foi o início de uma “Nova Era” no futebol, menos bela, atraente, artística e plástica, acabando o ciclo do futebol romântico, no qual se jogava, e se permitia jogar, muito facilmente notado no sistema G-4-3-3, durante o começo dos anos 60.

Segundo Melo (1999); Leal (2000) o sistema G-4-4-2 foi uma das grandes modificações táticas no futebol em todos os tempos.

De acordo com PAOLI (2000), este sistema surgiu da necessidade da forte marcação no meio-campo e a prioridade em defender e impedir as manobras ofensivas do adversário em detrimento da própria criatividade. A primeira equipe a utilizar este sistema foi a seleção da Inglaterra na Copa do mundo de 1966, sagrando-se campeão, vencendo a Alemanha na final.

Em 1982, na Espanha, a maioria das equipes apresentou o sistema G-4-4-2 com um líbero. Houve uma grande concentração de jogadores na meia cancha, todas as equipes recuavam 1 ou 2 atacantes, o que causou um grande desequilíbrio entre a defesa e o ataque (REIS, 2003).

Na busca de um equilíbrio maior, surge o sistema G-3-5-2 (ANEXO 11). De acordo com PAOLI (2000), esse sistema surgiu pela primeira vez, com a equipe da Dinamarca na Eurocopa de 1984.

A altitude, o forte calor e os jogos ao meio dia, deixaram as equipes mais cautelosas na Copa do México de 1986. A Argentina foi a campeã deste torneio, e utilizou o sistema G-3-5-2, um sistema apresentado pela maioria das equipes européias e que apresentou excelentes resultados (UNZELTE, 2002).

Na Copa do Mundo de 1990, no México, 18 dentre as 24 equipes usaram o G-3-5-2 (LEAL, 2000).

Na tentativa de não tomar gols e ao mesmo tempo converter as oportunidades de gol com maior êxito, os atacantes acabam sendo mais exigidos do que antigamente. Os atacantes, então, assumem funções extras - assim como quase todos os jogadores, graças ao excelente condicionamento físico dos dias atuais – devendo recuar seguidamente para o meio, reforçando este setor do time, mantendo assim um maior controle e domínio de jogo, e criando na frente os espaços a serem oportunamente ocupados por homens vindos de trás, em velocidade. Assim, alguns técnicos acabaram substituindo de vez os atacantes por mais um meio-campista (LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Chegamos, então, ao G-3-6-1, mais utilizado na Europa e ao G-4-5-1 (ANEXO 12), mais utilizado no Brasil, por não haver se sedimentado o G-3-5-2, antes permanecendo o G-4-4-2 (LEAL, 2000).

O sistema G-4-5-1 foi utilizado por Telê quando comandava o São Paulo F.C. nos anos de 1991 e 1992, e apresentado na Copa do Mundo da França, em 1998, pela equipe da Noruega, do técnico Egil Olsen (MELO, 1999; LEAL, 2000).

Este sistema era formado por quatro jogadores na defesa, cinco no meio-campo, jogando em linha e um atacante. Este sistema durante a partida pode transforma-se no sistema 4-4-2 ou até 4-6-0, quando o atacante recua para o meio-campo (MELO, 1999; LEAL, 2000).

No entanto, de acordo com Emílio (2004), os sistemas G-4-2-4, G-4-3-3, G-4-4-2 e G-3-5-2 foram os sistemas que serviram de base para todos os outros que surgiram. E esses que surgiram posteriormente foram e são pouco usados, mesmo porque, na maioria das vezes, foram variantes destes sistemas usados em situações de emergência (EMÍLIO, 2004).

2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE JOGO.

Os sistemas analisados são os sistemas G-4-3-3, G-4-4-2 e G-3-5-2, por serem considerados os sistemas mais utilizados no momento do futebol (LEAL, 2000; REIS, 2003; EMÍLIO, 2004; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

2.4.1 Caracterização do sistema G-4-3-3.

No sistema G-4-3-3, a distribuição dos jogadores em campo no entendimento de Borsari (1989) se apresenta com um goleiro, quatro defensores, sendo dois zagueiros e dois laterais, três jogadores de meio-campo, sendo dois volantes e um meia-de-ligação e três atacantes.

O sistema caracteriza-se por possuir uma boa definição defensiva no meio-campo, possibilitando boas condições para a movimentação nas laterais em sentido longitudinal. Também, há possibilidades de variações nos sistemas de marcação e cobertura defensiva, como, também, variações de jogadas ofensivas, com maior volume de finalizações (BORSARI, 1989).

O goleiro preconizado por Deshors (1998) tem um papel essencialmente defensivo, pois cabe a ele interceptar as bolas que foram direcionadas ao seu gol, porém a sua posição no campo confere-lhe um papel de observador do jogo, e por consequência cabe a ele orientar o sistema defensivo quanto à chegada de adversários.

A defesa do sistema tático G-4-3-3 é composta por dois zagueiros e dois laterais.

Os laterais têm funções tanto defensivas como ofensivas por se posicionarem pela marginal ou lateral do campo. Quanto as suas funções defensivas, os mesmos têm a incumbência de realizar a marcação do lateral adversário, bem com realizar coberturas defensivas sobre os volantes e zagueiros (CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Quanto suas funções ofensivas, os laterais se caracterizam pelo apoio ao ataque pela lateral do campo, sendo muitas vezes as válvulas de escape de contra-ataques, jogadas que buscam o cruzamento na área adversário e inversões de lado de campo em jogadas ofensivas. Quando os laterais apóiam, devem fazê-lo de maneira alternada. Geralmente são os responsáveis pela cobrança dos laterais manuais no lado do campo que jogam (LEAL, 2000).

Os dois zagueiros no sistema G-4-3-3, tem funções especificamente defensivas, tendo poucas funções ofensivas, geralmente em jogadas de bola parada e jogadas ensaiadas que visam o cabeceio. Quanto às funções defensivas se caracterizam pela marcação individual dos atacantes adversários, sempre tentando deixar um na sobra. Em alguns momentos são auxiliados pelos laterais e volantes para haver a cobertura (sobra), e também são responsáveis pela saída de bola da defesa ao meio-campo (MELO, 1999; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

O meio-de-campo no sistema tático G-4-3-3 se caracteriza por dois volantes e um meia-de-ligação. Os dois volantes no sistema G-4-3-3 tem funções defensivas e ofensivas, se caracterizando mais por funções defensivas, pelo fato do meio-de-campo ter apenas três jogadores. Os volantes realizam a marcação, em algumas vezes individual, dos meias-de-ligação do time adversário. Outra função é o auxílio aos zagueiros e laterais na marcação, no caso de um dos

zagueiros ou laterais se deslocarem a outro setor do campo para atacar ou defender, cabe ao volante fazer a cobertura do companheiro (BORSARI, 1989).

Nas funções ofensivas os volantes têm a incumbência de auxiliar o meia-de-ligação, fazendo a cobertura de seu companheiro tornando-se responsáveis por recuperar a chamada “segunda bola” ou rebote, no caso do ataque perder a posse de bola. Também, contribuem na ligação da bola do setor defensivo ao meio-de-campo e ataque, chegando por vezes ao ataque para uma conclusão (CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

O meia-de-ligação do sistema tático G-4-3-3 tem papel fundamental no sistema, por ser o responsável em fazer a ligação da bola da defesa e meio para o ataque. Suas funções defensivas no sistema G-4-3-3, se restringem a realizar a marcação em um dos volantes adversário na saída de bola adversária, e quando os mesmos têm a posse da bola. Já suas funções ofensivas têm papel fundamental neste sistema tático, devido a ser o jogador responsável por fazer a bola chegar aos atacantes com qualidade, sendo também finalizador de jogadas criadas por ele e pelos atacantes, penetrando na área adversária em ponta-de-lança. Essencialmente este jogador deve ter excelente toque de bola e visão de jogo (LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Os três atacantes do sistema tático G-4-3-3 como em todos os sistemas tem funções especificamente ofensivas, ficando distribuídos no campo um em cada lado e outro mais centralizado na área. Na concepção de Deshors (1998), os atacantes têm como sua primeira missão marcar gols, realizar isso buscando a bola, recebendo-a, fintando e arrematando. Suas funções defensivas se limitam a marcação na saída de bola adversária. Mas, sua principal função continua a de ser o marcador de gols da equipe.

O sistema caracteriza-se por possuir uma boa definição defensiva no meio-campo, possibilitando boas condições para a movimentação nas laterais em sentido longitudinal. Também, há possibilidades de variações nos sistemas de marcação e cobertura defensiva, como, também, variações de jogadas ofensivas, com maior volume de finalizações (BORSARI, 1989).

Para que este sistema funcione é necessário que o time jogue compactado, como foi o caso da seleção holandesa na Copa do Mundo de 1974.

2.4.2 Caracterização do sistema G-4-4-2.

No sistema G-4-4-2, a distribuição dos jogadores em campo segundo Leal (2000) se apresenta com um goleiro, quatro defensores, sendo dois zagueiros e dois laterais, quatro jogadores de meio-campo, sendo dois volantes e dois meias-de-ligação (podendo variar) e dois atacantes.

O goleiro, de acordo Deshors (1998), tem papel essencialmente defensivo, pois cabe a ele interceptar as bolas que foram direcionadas ao seu gol, porém a sua posição no campo confere-lhe um papel de observador do jogo, e por conseqüência cabe a ele orientar o sistema defensivo quanto à chegada de adversários.

Os laterais, no sistema tático G-4-4-2, tem funções tanto defensivas como ofensivas por se posicionarem pela marginal ou lateral do campo. Quanto as suas funções defensivas, os mesmos têm a incumbência de realizar a marcação do lateral adversário, bem com realizar coberturas defensivas sobre os volantes e zagueiros. Quanto suas funções ofensivas, os laterais se caracterizam pelo apoio ao ataque pela lateral do campo, alternadamente, sendo, muitas vezes, as válvulas de escape de contra-ataques, jogadas que buscam o cruzamento na área adversário e inversões de lado de campo em jogadas ofensivas. E os laterais geralmente são os responsáveis pela cobrança dos laterais manuais no lado do campo que jogam (LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

Os dois zagueiros, um pela direita e outro pela esquerda, no sistema G-4-4-2, tem funções especificamente defensivas, tendo poucas funções ofensivas, geralmente em jogadas de bola parada e jogadas ensaiadas que visam o cabeceio. Quanto às funções defensivas se caracterizam pela marcação individual dos atacantes adversários, onde em alguns momentos são auxiliados pelos laterais e volantes, e também são responsáveis pela saída de bola da defesa ao meio-campo (MELO, 1999).

No meio-de-campo o sistema tático G-4-4-2 se caracteriza por dois volantes e dois meias-de-ligação, os dois volantes no sistema G-4-4-2, tem funções defensivas e ofensivas, se caracterizando por mais funções defensivas, onde realizam a marcação, algumas vezes individual, dos meias-de-ligação do time adversário. Outra função é o auxílio aos zagueiros e laterais na marcação, no caso de um dos zagueiros ou laterais se deslocarem a outro setor do campo para atacar ou defender, cabe ao volante fazer a cobertura do companheiro (LEAL, 2000).

As funções ofensivas dos volantes se caracterizam pela ligação da bola da defesa ao meio-de-campo e ataque, sendo muitas vezes o homem surpresa em jogadas ofensivas. Jogam auxiliando os laterais e meias-de-ligação em jogadas ofensivas (LEAL, 2000).

Os meias-de-ligação como o próprio aponta, são os responsáveis em fazer a ligação da bola da defesa e meio para o ataque. Suas funções defensivas no sistema G-4-4-2, se limitam a marcar os volantes adversários na saída de bola adversária, e quando os mesmos têm a posse da bola. Já suas funções ofensivas têm papel fundamental neste sistema tático, devido a serem os jogadores a servir os atacantes, como, também, sendo os finalizadores das jogadas. Geralmente têm características de jogadores habilidosos e de toque de bola refinado, assim entende Deshors (1998).

No meio-campo é que ocorre as variações deste sistema, pois, é no posicionamento dos meias que se muda as funções dos jogadores. Há várias maneiras para organizar o meio-campo: com um volante, dois meias de armação e uma meia atacante; dois volantes, um meia de armação e uma meia atacante. Esses são exemplos das variações que podem ocorrer. Mas, a mais tradicional, a qual foi caracterizada, é a com dois volantes e dois meias-de-ligação (DRUBSKY, 2003).

Os atacantes no sistema G-4-4-2 como em todos os sistemas tem funções especificamente ofensivas. Na concepção de Deshors (1998), os atacantes têm como principal missão marcar gols, realizar isso buscando a bola, recebendo-a, fintando e arrematando. Suas funções defensivas se limitam à marcação na saída

de bola adversária. Mas, sua principal função é de ser o marcador de gols da equipe.

As principais vantagens de utilizar este sistema de acordo com Paoli (2000), são: se utilizado com uma variação tática, pode confundir a marcação; favorece o bloqueio defensivo e do meio-campo; facilita as ultrapassagens pelas faixas laterais e centrais do campo pelos atacantes; possibilita um bloqueio no setor de meio-campo, devido ao elevado número de jogadores posicionados nesse setor.

Contudo, algumas críticas a este sistema devem ser feitas, como: limita as possibilidades ofensivas, pois deixa os atacantes sempre em inferioridade numérica em relação aos defensores; aumenta o espaço no campo de defesa do adversário, que pode ser utilizado para iniciar as ações, saídas de bola, etc (PAOLI, 2000).

2.4.3 Caracterização do sistema G-3-5-2.

No sistema tático G-3-5-2, a distribuição dos jogadores em campo segundo Leal (2000) se apresenta com um goleiro, três zagueiros, cinco jogadores de meio-campo, sendo dois alas, um pela direita e outro pela esquerda, um volante, dois meias-de-ligação e dois atacantes.

O goleiro de acordo Deshors (1998) tem um papel essencialmente defensivo, pois cabe a ele interceptar as bolas que foram direcionadas ao seu gol, porém a sua posição no campo confere-lhe um papel de observador do jogo, e por consequência cabe a ele orientar o sistema defensivo quanto à chegada de adversários.

Os três zagueiros no sistema G-3-5-2, se posicionam com dois mais a frente realizando a marcação individual nos dois atacantes adversário, ficando um dos zagueiros, também chamado de libero, na sobra, ou seja, sem marcar nenhum atacante. Este fica atento, para que quando algum zagueiro for driblado ou sair para fazer uma cobertura, entre em ação, no momento, realizando a cobertura no zagueiro driblado. Os três zagueiros têm funções especificamente defensivas, tendo poucas funções ofensivas, geralmente em jogadas de bola

parada e jogadas ensaiadas que visam o cabeceio, e também são responsáveis pela saída de bola da defesa ao meio-campo (LEAL, 2000; CAPINUSSÚ; REIS, 2004).

O meio-de-campo no sistema tático G-3-5-2 se caracteriza por dois alas sendo um pela direita e um pela esquerda, um volante e dois meias-de-ligação (DESHORS, 1998).

Os alas no sistema G-3-5-2 tem como características principais o apoio ao ataque, jogando pelos lados do campo, do meio de campo para frente. Suas funções ofensivas são o apoio ao ataque pelas laterais do campo buscando o cruzamento a área, também auxiliam os meias-de-ligação nas jogadas ofensivas. Suas funções defensivas se caracterizam pela marcação dos laterais e meias-de-ligação adversários nas subidas ao ataque, auxiliam também o volante na marcação no meio de campo e os três zagueiros em jogadas agudas do time adversário (LEAL, 2000).

O volante do sistema G-3-5-2 tem funções defensivas e ofensivas, se caracterizando mais por funções defensivas, pelo fato do meio-de-campo ser composto por cinco jogadores, sendo ele o jogador incumbido pela marcação no meio de campo. O volante, por vezes, efetua a marcação individual do principal jogador do meio de campo adversário, e outra função muito importante é a cobertura aos alas e aos três zagueiros no sistema defensivo, no caso de um dos zagueiros ou alas se deslocarem a outro setor do campo para atacar ou defender (DESHORS, 1998).

Nas funções ofensivas, o volante do sistema G-3-5-2, tem como principal função auxiliar o meia-de-ligação, da ligação da bola do setor defensivo ao meio-de-campo.

Os dois meias-de-ligação no sistema G-3-5-2, são os jogadores responsáveis em fazer a ligação da bola do meio-de-campo para o ataque. Suas funções defensivas no sistema G-3-5-2, se limitam a marcar os volantes adversários na saída de bola adversária, e quando os mesmos têm a posse da bola. E, suas funções ofensivas têm papel fundamental neste sistema tático, por serem os jogadores a servir os atacantes. São auxiliados de perto pelos alas, que

tem grande papel ofensivo neste sistema, formando praticamente uma linha de quatro jogadores de armação de jogadas ofensivas. Eles mesmos acabam tornando-se, muitas vezes, os finalizadores das jogadas. Geralmente são jogadores de características habilidosas e de toque de bola de grande qualidade (DESHORS, 1998; LEAL, 2000).

Os dois atacantes no sistema G-3-5-2 como em todos os sistemas tem funções especificamente ofensivas. No entendimento Deshors (1998), os atacantes tem como sua primeira missão marcar gols, realizar isso buscando a bola, recebendo-a, fintando e arrematando. Suas funções defensivas se limitam as marcações na saída de bola adversária. Mas sua principal função é de ser o marcador de gols da equipe.

As principais características deste sistema são: a versatilidade para articular as jogadas; maior estabilidade defensiva, em decorrência da presença dos três zagueiros; dificulta as ações e articulações das jogadas da equipe adversária, devido ao excessivo número de jogadores no meio-campo; permite com segurança, que a equipe ataque com sete jogadores, apoio simultâneo dos alas (PAOLI, 2000).

Porém, este sistema também possui falhas, sendo algumas delas as seguintes: se o adversário escalar três atacantes ou abrir os dois pontas-de-lança, leva os zagueiros para o lado do campo, dificultando a cobertura do líbero e expondo-o a uma situação de 1x1 contra os atacantes; a presença de mais um atacante obriga o sistema a escalar mais um zagueiro ou prender um volante como se fora zagueiro - mudando a configuração do meio-campo (PAOLI, 2000).

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 1999).

O material utilizado se baseou em autores da área do futebol, a partir dos anos 70 até os dias atuais, devido a severa escassez de material anterior aos anos 70. Esse material foi pesquisado em artigos de revistas, livros e monografias do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, na biblioteca do UNICENP e, ainda, na Internet.

A pesquisa bibliográfica enfocou os sistemas de jogo do futebol, analisando sua evolução e caracterizando esses sistemas.

4 CONCLUSÃO

O futebol, a partir da reunião na Taberna Freemasons, Londres, Inglaterra, há mais de 140 anos atrás, passou por muitas transformações. De puramente ofensivo e sem grandes elaborações táticas, até os tempos modernos, que envolvem pensamentos e ações estratégicas para chegar ao gol adversário.

Através da mudança na lei do impedimento, ocorrida em 1925, o futebol mudou sua dinâmica, o que alterou a correlação de forças entre ataque e defesa, nitidamente a favor do primeiro, estimulando o aparecimento de outra conformação espacial dos jogadores em campo e melhor distribuição entre defesa, meio-campo e ataque.

Pelo equilíbrio, simetria, distribuição racional dos jogadores em campo, o WM, foi de fato, a palavra de ordem por quase que três décadas, mesmo que alguns sistemas tenham surgido depois, não passaram de variantes do sistema preconizado por Chapman em 1925.

Após a era Chapman – WM, os brasileiros começam a fazer parte da história do futebol mundial. Desenvolveu-se aqui, nos terrenos baldios e campos de várzea, uma forma toda peculiar de jogar e uma inteligência de atuar que logo proporcionaram ao Brasil participar da evolução dos Sistemas de Jogo, das Estratégias e das Táticas. O precursor foi Martin Francisco, criando o sistema G-4-2-4, em 1951.

A partir de então, os sistemas de jogo tiveram uma evolução extraordinariamente rápida. E, para acompanhar essa evolução os jogadores tiveram que se preparar de maneira mais específica. Isto ocorreu através da modernização dos métodos gerais de preparação física e do planejamento de jogo, surgindo então o denominado “Futebol-Força”, encerrando o ciclo do futebol romântico.

Graças a esse grande avanço da preparação física nos últimos anos, os jogadores conseguem realizar mais de uma função em suas equipes, preenchendo assim, de maneira equilibrada, os espaços do campo.

Podendo assim afirmar que, nos dias atuais, os sistemas evoluíram a tal ponto, que em muitas vezes, um time acaba usando mais de um sistema de jogo numa mesma partida, ou seja, utilização simultânea de dois sistemas.

Percebemos que a evolução dos sistemas de jogo ocorreram de forma bastante natural, produto da experimentação e de circunstâncias que levaram os treinadores ao acerto, sempre visando um melhor rendimento em campo. Com certeza esse rendimento foi afetado pela condição física dos jogadores, mas sempre que um time estiver bem preparado taticamente ele apresentará resistência aos seus adversários.

Portanto, sempre ocorrerão mudanças com a intenção de superar os adversários, adotando formas e sistemas de jogo diferentes. Todavia, não se deve modificar o sistema de jogo a cada partida, mas deve permitir a introdução de novas táticas específicas. Após uma análise dos objetivos a serem atingidos e do nível técnico dos jogadores, o técnico escolhe o sistema por si mesmo. Isto, porém, não soluciona os problemas durante os jogos, devendo ser resolvidos pelo emprego de um treinamento tático adequado.

Assim, percebemos que é de fundamental importância conhecer o funcionamento dos sistemas primários (primitivos), bem como os fatores que os levaram a evoluir, permitindo-nos entender os sistemas contemporâneos, possibilitando pesquisas, estudos e práticas que levem ao sistema do futuro.

REFERÊNCIAS

AFIF, Antonio. **4-4-2, O Amadurecimento dos Sistemas Táticos**. Disponível em: http://www.ebfnet.com.br/port/ate_voce/entrevistas_detalhe.php?codigo=7&tipo=Artigo. Acesso em junho de 2006.

AFIF, Antonio. **Os primeiros Sistemas Táticos. Muitos atacantes e pouca eficiência**. Disponível em: <http://cidadedofutebol.uol.com.br/site/vip/materias/vermaterias.aspx?idm=453>. Acesso em abril de 2006.

BORSARI, J. R. **Futebol de campo**. São Paulo: EPU, 1989.

CAPINUSSÚ, J. M.; REIS, J. **Futebol. Técnica, Tática e Administração**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

DESHORS, M. **O Futebol**. Lisboa: Estampa, 1998.

DIAS, D. S. **Futebol Total**. Juiz de Fora: [s.n.], 1980.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol – escola brasileira**. Belo Horizonte: Health, 2003.

DUARTE, O. **Enciclopédia – Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Makron Books, 1998.

DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: Makron Books, 2000.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **O Futebol**. In: Enciclopédia Mirador Universal. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, p. 5030-5060, 1987.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: Teoria e Prática**. São Paulo: Phorte Editora, 1999.

GARCIA, C. M.; MUIÑO, E. T.; TELEÑA, A. P. **La Preparación Física en el Fútbol**. Madrid: (s.n.), 1977.

GODOI, I. C.; CARDOSO, G. S. Futebol. Assim iniciaram as suas regras. **Sprint/Revista Técnica de Educação Física e Desportos**, Rio de Janeiro, ano V, v. 4, nº 1, p. 36 – 39, jan/fev 1986.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEAL, J. C. **FUTEBOL “Arte e Ofício”**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MELO, R. S. **Sistemas e táticas para o futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

MENDES, L. **As Táticas do Futebol**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

PAOLI, P. **Treinamento tático no futebol – vídeo curso dos sistemas de jogo 4x4x2 e 3x5x2** (2000).

REIS, J. Copa do Mundo. Sistemas de jogo e a Copa do Mundo de 2006. **Fitness & Performance Journal**, Rio de Janeiro, v. 2, nº5, p. 292 - 297, set/out 2003.

SANTOS, E. **Caderno técnico-didático; futebol**. Brasília: SEED/DDD, 1979.

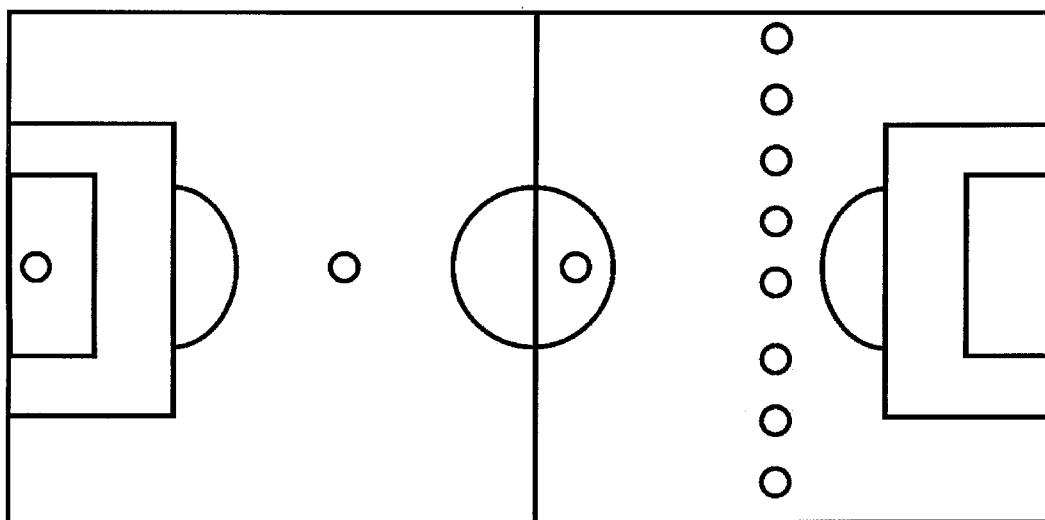
SILVA, M. A. F. Criando os Espaços no Futebol Moderno. **Sprint/ Revista Técnica de Educação Física e Desportos**, Rio de Janeiro, ano V, v. 4, nº 1, p. 13 –18, jan/fev 1986.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

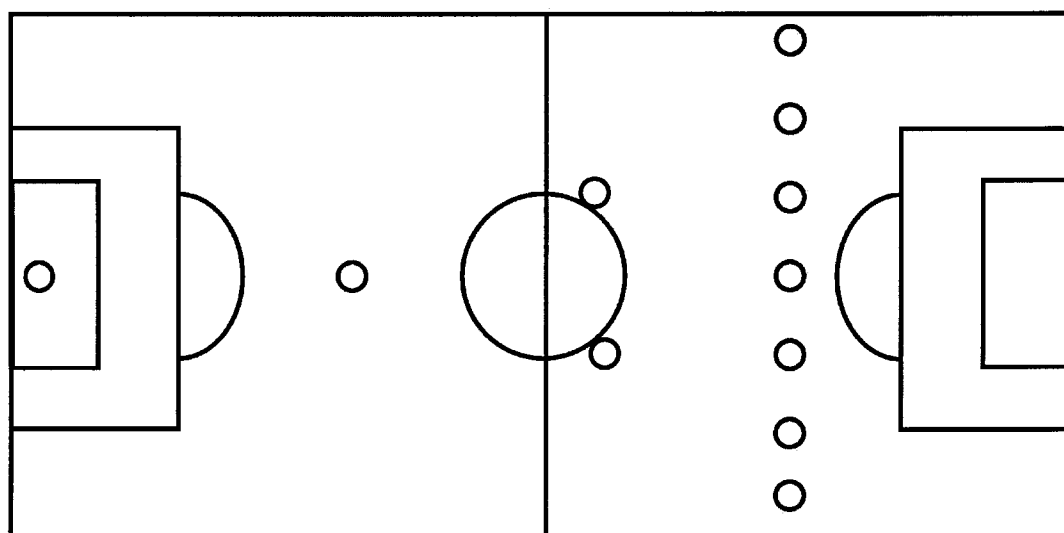
UNZELTE, C. **O Livro de Ouro do Futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

ANEXOS

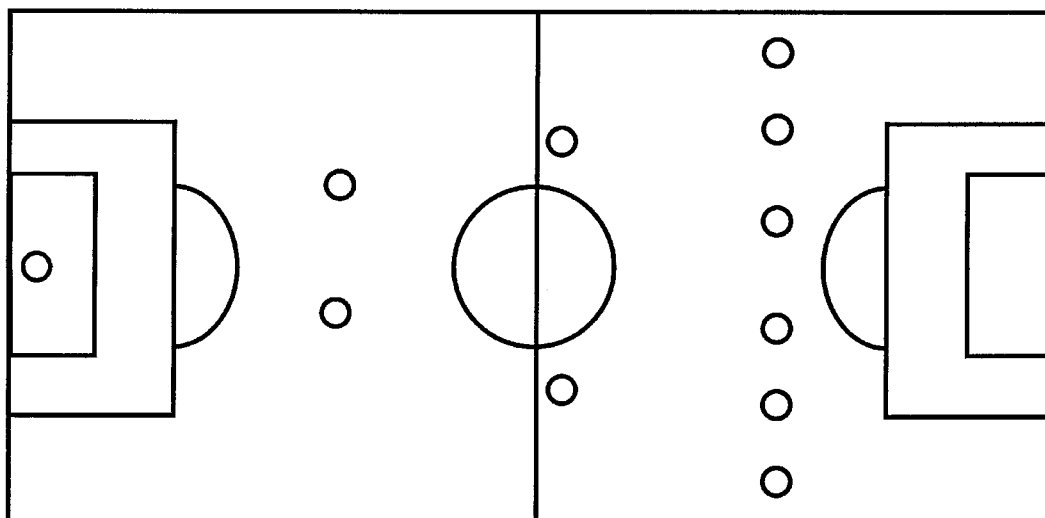
Anexo 1 – Sistema de jogo G-1-1-8 (SANTOS, 1979).



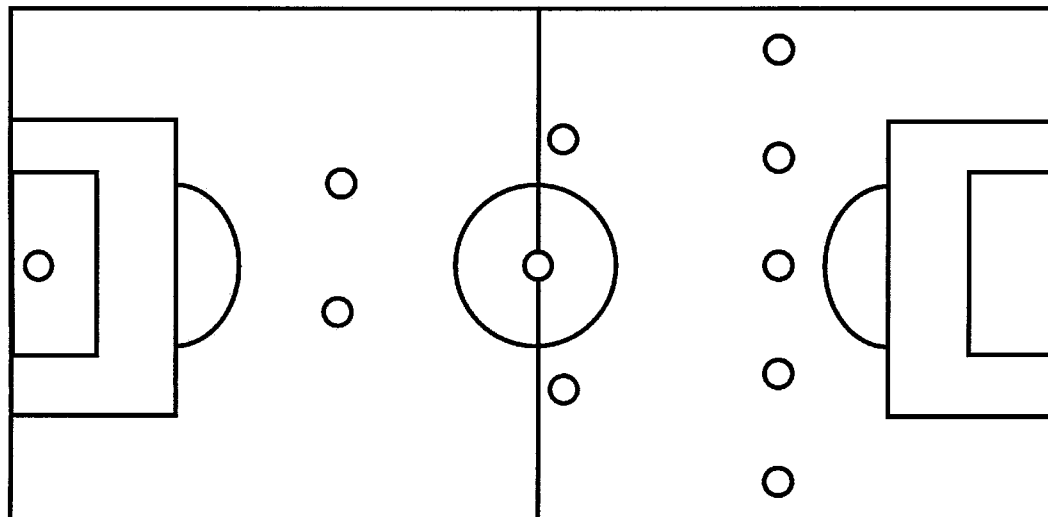
Anexo 2 – Sistema de jogo G-1-2-7 (UNZELTE, 2002).



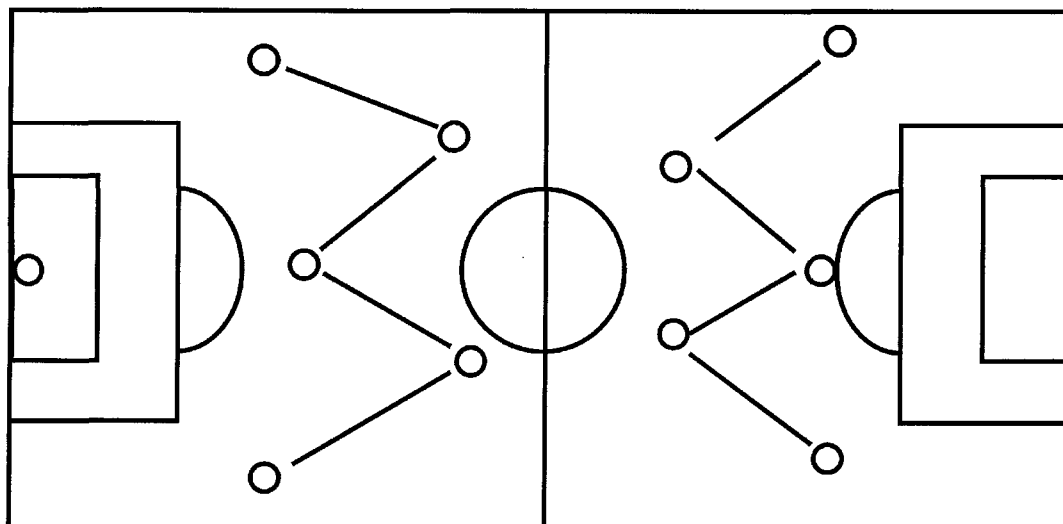
Anexo 3 – Sistema de jogo G-2-2-6 (UNZELTE, 2002).



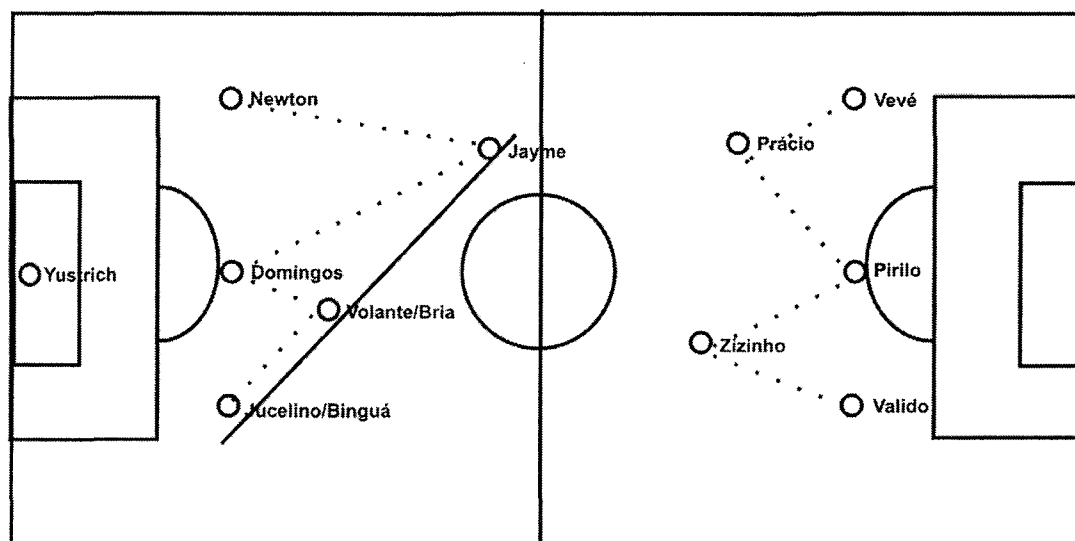
Anexo 4 – Sistema de jogo G-2-3-5 (SANTOS, 1979).



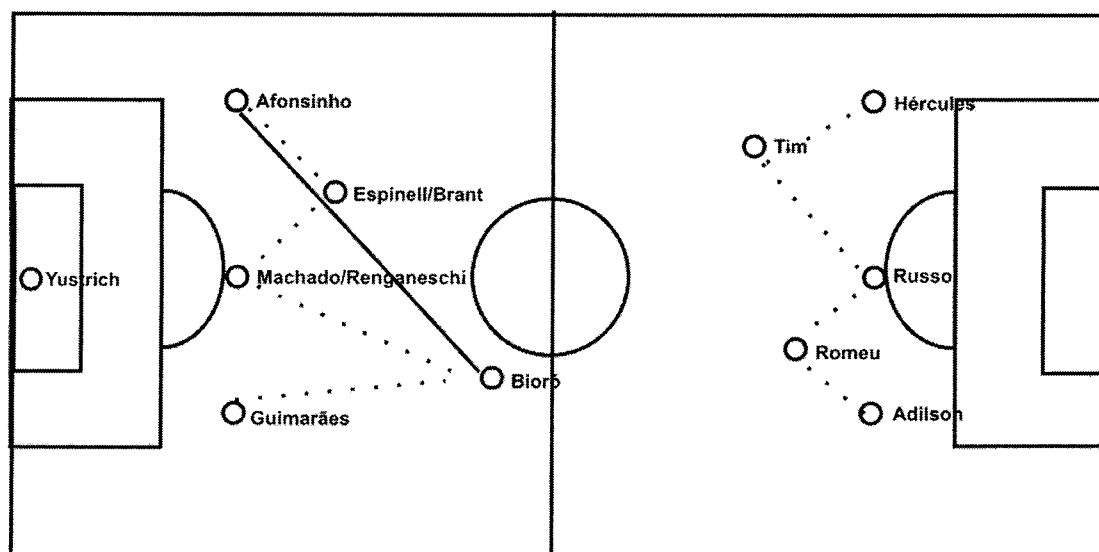
Anexo 5 – Sistema de jogo WM (LEAL, 2000).



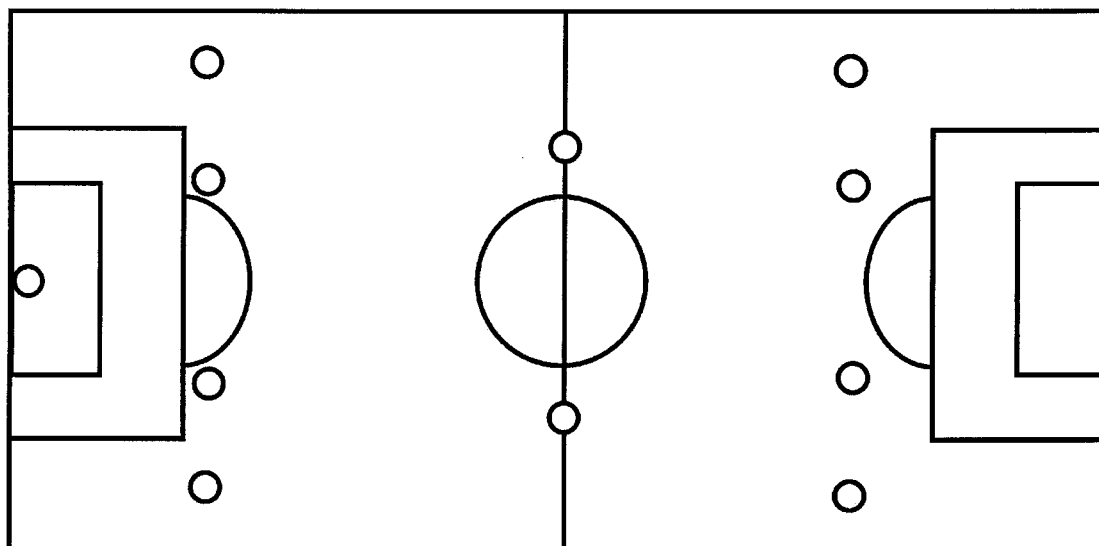
Anexo 6 – Sistema de jogo Diagonal pela direita (EMÍLIO, 2004)



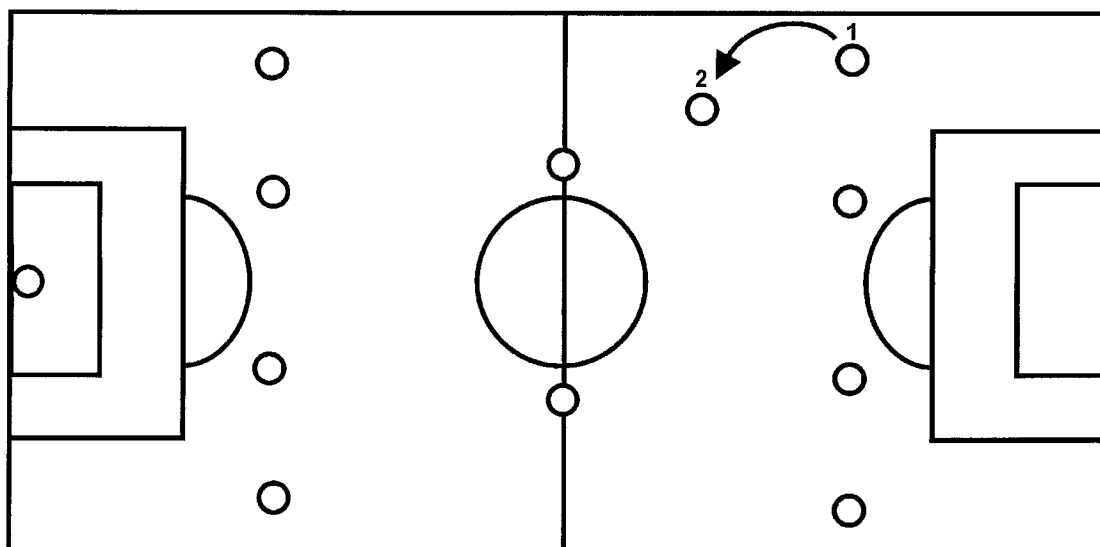
Anexo 7 – Sistema de jogo Diagonal pela esquerda (EMÍLIO, 2004).



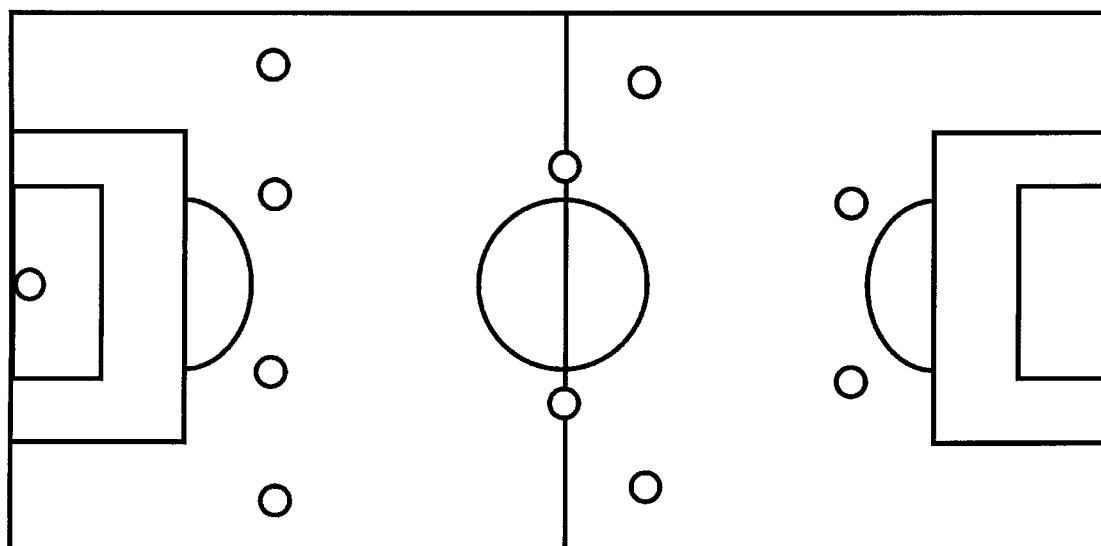
Anexo 8 – Sistema de jogo G-4-2-4 (BORSARI, 1989).



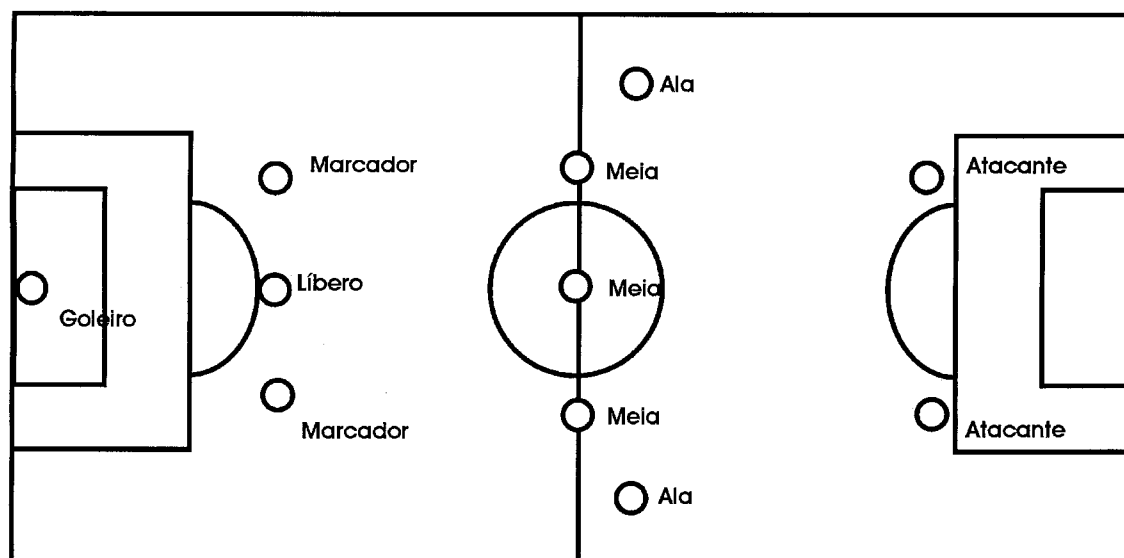
Anexo 9 – Sistema de jogo G-4-3-3 (LEAL, 2000).



Anexo 10 – Sistema de jogo G-4-4-2 (LEAL, 2000).



Anexo 11 – Sistema de jogo G-3-5-2 (LEAL, 2000).



Anexo 12 – Sistema de jogo G-4-5-1 (LEAL, 2000).

